

Síntese

Memorial do Convento

- *Memorial do Convento* evoca a História portuguesa do reinado de D. João V, no século XVIII, procurando uma ponte com as situações políticas de meados do século XX.
- Durante o reinado de D. João V, o rigor e as perseguições do Santo Ofício aumentam com vítimas que tanto podem ser cristãos-novos como todos os considerados culpados de heresias, por se associarem a práticas mágicas ou de superstição.
- *Memorial do Convento* caracteriza uma época de excessos e diferenças sociais, que se mantêm na actualidade: *opulência/miséria; poder/opressão; devassidão/penitência; sagrado/profano; amor ausente/amor sincero...*
- *Memorial do Convento* é uma narrativa histórica que entrelaça personagens e acontecimentos verídicos com seres conseguidos pela ficção.
- Romance histórico, *Memorial do Convento* oferece-nos uma minuciosa descrição da sociedade portuguesa do início do século XVIII; romance social, dentro da linha neo-realista, preocupa-se com a realidade social, em que sobressai o operariado oprimido; romance de intervenção, visa denunciar a história repressiva portuguesa da primeira metade do século XX; romance de espaço, representa uma época, interessando-se por traduzir não apenas o ambiente histórico, mas também vários quadros sociais que permitem um melhor conhecimento do ser humano.
- Em *Memorial do Convento*, há duas linhas condutoras da acção: a construção do convento de Mafra e as relações entre Baltasar e Blimunda.
- A acção principal é a construção do convento de Mafra, que entrelaça o desejo megalómano do rei com o sofrimento do povo.
- Paralelamente à acção principal, encontra-se uma acção que envolve Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, numa história de espiritualidade, de ternura, de misticismo e de magia.
- As duas acções, que se encaixam, sugerem uma profunda humanidade trágica.
- Os espaços físicos e sociais privilegiados são Lisboa e Mafra.
- A reconstituição da História passa pela ficção, revelando um aparente desprezo do tempo.
- Em *Memorial do Convento* o romance histórico convive e entretece-se com o universo mágico criado pela ficção.
- As personagens servem a própria intenção do autor na necessidade de repensar os acontecimentos e as figuras históricas à luz de uma nova realidade criada no presente e pressentida no futuro.
- As personagens femininas adquirem, na obra, um claro relevo: D. Maria Ana é uma rainha triste e insatisfeita, que vive um casamento de aparência e com escrúpulos morais nas relações sexuais e nos sonhos; Blimunda é a mulher com capacidades de vidente e possuidora de uma sabedoria muito própria, cheia de sensualidade e amor verdadeiro.
- Saramago rejeita a onipotência do narrador, na medida em que considera que é o autor que põe em causa o presente que conhece e o passado que lhe chega através das suas investigações. Para Saramago a onipotência do narrador é pura ficção.
- Uma voz narrativa controla a acção narrada, as motivações e os pensamentos das personagens, mas faz também as suas reflexões e juízos valorativos.
- A História, em *Memorial do Convento*, torna-se matéria simbólica para reflectir sobre o presente, na perspectiva da denúncia e dela extrair uma moralidade que sirva de lição para o futuro.
- Observando *Memorial do Convento*, julgamos que a escrita saramaguiana persegue uma preocupação com o ser humano, a sua miséria e a sua luta, as injustiças e os seus anseios, a sua grandeza e os seus limites.
- Em *Memorial do Convento* há, diversas vezes, um discurso de sobreposições narrativas com uma voz (ou um plural de vozes) que tanto descreve como desconstrói as situações, que dialoga com o narratário ou manuseia as personagens como títeres, que domina os conhecimentos da História ou se sente limitado, que faz ponderações ou ironiza.